

Soldado no quartel sempre pronto para ir às ruas

Taís Braga
Da equipe do **Correio**

Uma das primeiras medidas que o coronel Souza Pinto vai tomar quando assumir o cargo de comandante-geral da Polícia Militar, na próxima segunda-feira, será determinar aos seus subordinados que usem o uniforme de rua para trabalhar. Ainda que sejam responsáveis por serviços internos, Souza Pinto quer que todos estejam preparados para operações surpresas e esporádicas, a exemplo da operação Tornado, ocorrida ontem.

A idéia faz parte de um antigo plano do coronel, que hoje responde pelo comando de policiamento, de colocar cada vez mais policiais nas ruas das cidades. Desde março Souza Pinto vem adotando medidas para

aumentar o número de homens no serviço operacional. Nessa linha, já iniciou um estudo para mudar o horário do expediente e com isso reduzir as atividades administrativas.

O policial, por exemplo, começaria o trabalho à tarde e para completar a carga horária estenderia as atividades para a rua durante a noite. Estas são novas idéias que se somam às medidas divulgadas por Souza Pinto ao **Correio** no mês passado. Elas significariam um aumento de 1,2 mil homens no policiamento externo. As equipes, formadas 50% por policiais, 20% de cabos e 10% de sargentos, são responsáveis pelo policiamento em dupla, a pé, durante o dia e à noite, principalmente no período entre 19h e 3h.

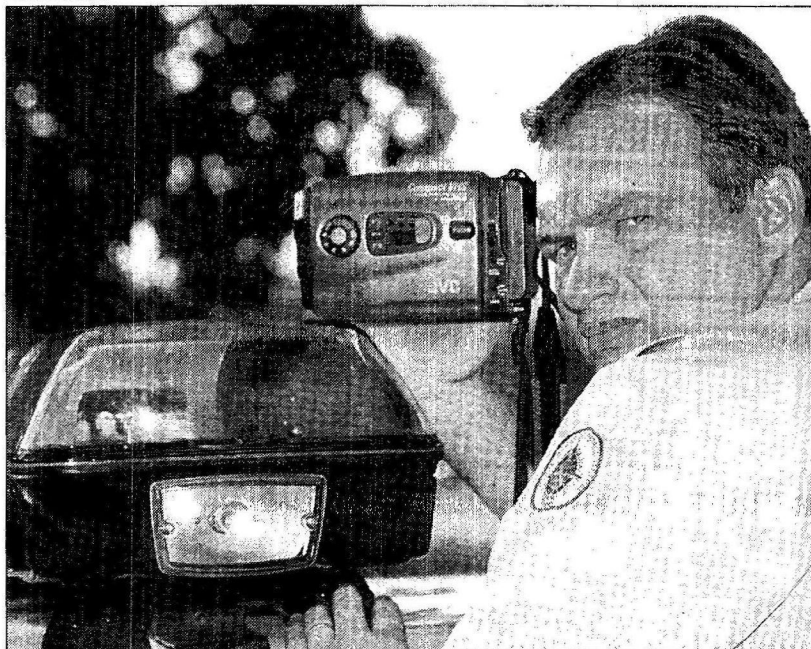
O desejo do coronel tem recebido o apoio do pessoal administrativo.

Embora dificilmente um policial discorde de uma ordem superior, voltar às ruas dá novo ânimo a policiais como cabo Daniel Quezado, 28 anos, que trabalha no setor de comunicação da PM. Responsável por operar aparelhos e câmeras de vídeo, registra tudo o que a imprensa divulga sobre a corporação. Faz isso há seis meses, mas confessa que tem saudades das ruas.

Quezado já trabalhou no Batalhão Rio Branco, que policia as embaixadas, como intérprete, mas acredita que nas ruas o serviço "é mais gratificante" porque pode ajudar à população. Na sua opinião, todo policial deveria passar um tempo na rua, "para não perder a prática da atividade fim da PM". Embora pratiquem atividades físicas regularmente, recebam aulas de defesa pessoal e treinamento de tiro, o trabalho na rua dá uma experiência que não se aprende na teoria.

O perigo das ruas não assusta o cabo nem o tenente Arnaldo Vieira, 33 anos, que trabalha na seção de planejamento do Estado Maior do Quartel Geral da PM. Vieira está no cargo há três meses, desde que voltou de Angola (África), onde foi um dos integrantes da força de paz da ONU (Organização das Nações Unidas). Passou um ano. "Sempre gostei de trabalhar na rua", disse, ape-

Nehil Hamilton



O cabo Daniel Quezado, operador de vídeo, diz que a rua é "mais gratificante"

sar de sempre enfrentar a resistência da mãe às atividades que considera perigosas.

O capitão reconhece, no entanto, que quem trabalha nas ruas fica mais exposto, mas lembra que nenhum policial pode recusar a tarefa. "É a nossa função".

Atualmente existem 7.844 policiais no serviço operacional, num efetivo de 14.348 homens. No trabalho burocrático, são 3.068. A proposta do novo

comandante será a de fazer um enxugamento nessa atividade. Ele próprio dará o exemplo, pois já garantiu estar nas ruas todos os dias. A presença na rua, acredita, já reduz a criminalidade em 20%. O ganho de pessoal com esse novo planejamento, no entanto, não será suficiente. Na corporação, os militares enfrentam dificuldades como falta de equipamento e automóveis, além de um efetivo inferior às necessidades do DF.